

A CAPOEIRA COMO PRÁTICA PEDAGÓGICA: UM ESTUDO DE CASO

Catharine Vanessa Silva Peres, Felipe da Costa Monteiro, Felipe Macedo de Andrade, Soraya Martins, José Jairo Viera.

RESUMO

Este estudo de caso visou verificar como a capoeira pode interferir como agente auxiliador de uma cultura de paz, quando implantado em outro país (Haiti), com grandiosas diferenças, tanto culturais, como sociais. No entanto, pudemos perceber que a capoeira conseguiu ir mais além, não só contribuindo para uma cultura da paz, como também auxiliando no fomento a inclusão social, na valorização das diferenças e na construção de diálogo entre os envolvidos.

Palavras-chave: Política Educacional, Corpo e Educação, Capoeira.

CAPOEIRA AS A PEDAGOGICAL PRACTICE: A CASE STUDY

ABSTRACT

This case study aimed to verify how capoeira interfere agent assisting a culture of peace, when implanted in another country (Haiti), with great differences, both cultural, and social. However, we realize that capoeira could go further, not only contributing to a culture of peace, as well as assisting in promotional social inclusion, is valuing differences and building dialogue among involved.

Keywords: Educational Policies, Body and Education, Capoeira.

INTRODUÇÃO

A educação caminha num processo de construção que encontra real significado e aquisição a partir do momento em que nos debruçamos de fato na cultura do educando e do educador.

Na maioria das vezes, quando se privilegia os conhecimentos de um, não se observa os do outro, ou ainda, não se valoriza o de nenhum dos atores envolvidos diretamente.

No meio desse processo de valorização do conhecimento existe o poder e a representatividade que o multiculturalismo tem no âmbito da educação em criar uma distância ou uma aproximação no aprendizado e na marcha à interdisciplinaridade curricular e a aproximação entre os docentes e discentes, principalmente por suas diferenças.

Sendo assim, penso ser de suma importância o emprego de ferramentas eficazes que valorizem a diversidade cultural, conciliando-as aos estudos e às práticas construtivistas que atendam a demanda da população em um espaço aberto, atingindo diferentes grupos sociais.

Dentro da realidade em que transito, percebo que a utilização de diferentes linguagens oral, corporal e musical, por exemplo, fundamentais no processo de inclusão, ainda ocorrem de maneira intuitiva, pois são pouco estudadas e entendidas, talvez por toda a sua complexidade, e poder quando observadas do ponto de vista acadêmico.

Ainda assim, existem experiências práticas de apropriação das diversas linguagens que são significativas porque promovem a socialização do conhecimento e as transformações sociais demandadas por cada grupo em seu contexto. Estudá-las, do ponto de vista do multiculturalismo, pode ajudar a prevenir que se transformem em fatores de exclusão em muitos polos na nossa sociedade tendenciosa na busca pela homogeneização do conhecimento.

Um exemplo disso é o que se observa em alguns projetos em escolas da rede pública, em que a capoeira funciona como ferramenta de inclusão social favorecendo indiretamente a prática e a abordagem de experiências multiculturais.

Além disso, as poucas instituições que agregam esse trabalho, além de promoverem a maior permanência das crianças nas escolas ainda levam seus familiares para dentro dos muros escolares promovendo a integração dos conhecimentos e da cultura.

Porém, mesmo contribuindo para essa integração, ela ainda é tratada de forma folclórica, no seu sentido exótico, pelos próprios profissionais envolvidos nessas atividades que, por vezes, acabam abandonando as mesmas por não encontrarem apoio financeiro ou pedagógico, gerando a descontinuidade do trabalho que por sua vez, deveria contribuir com a redução do preconceito, estimulando atividades positivas frente ao diferente, criando oportunidade de sucesso para todos, incentivando habilidades e atitudes necessárias ao fortalecimento individual e coletivo (CANEN e MOREIRA, 2001).

Com isso, o objetivo do presente estudo visa verificar como a capoeira e suas características regionais e culturais, podem servir como ferramenta de auxílio na construção de uma cultura de paz.

CAPOEIRA E EXPERIÊNCIAS MULTICULTURAIS

Segundo Soares (2002), ao contrário do que muitos pensam, a capoeira nasceu no Brasil no século XVIII, no território escravista como um fenômeno urbano que agregava diferentes povos da África trazendo culturas diversas, mas com alguns elementos mais ou menos articuláveis, como a língua e a dança, que serviam de articulação para esses.

O nome capoeira foi dado pela ordem policial a esses negros e isso criava um problema, já que de certa forma a identificação grupal não partia do grupo, mas sim do seu rival.

Na época de seu nascimento, o Rio de Janeiro era uma cidade muito violenta e o próprio senhoriato, estimulava os escravos a se defenderem para defender suas mercadorias nas ruelas perigosas do império. A capoeira era então, um escravo que se defendia, maximizando os lucros de seu senhor que chegava a reclamar e defendê-lo quando ia à prisão. Ela chegou a ser perseguida por muito tempo pela polícia, entrando para o código penal.

Atravessou todo esse tempo (desde a época colonial) em um processo de luta, dividida por gangues conhecidas como maltas e foi se transformando, até sofrer a influência da cultura cinematográfica americana que passou a criar um estereótipo do capoeirista sobre a ótica do “malandro boa gente”, que era conquistador, boêmio e sabia viver a vida “numa boa”.

Os movimentos da capoeira regional são mais ágeis e certos, ao passo que os da angola são mais teatrais e cadenciados, embora sejam tão eficazes quanto os da primeira.

A capoeira se transformou numa ferramenta eficaz, na construção de saberes da nossa história, apoiando-se principalmente na cultura oral. Assim, segundo o criador da capoeira de angola Mestre Pastinha, no livro do Mestre Bola Sete, encontramos o seguinte texto:

“Os negros usavam a capoeira para defender a sua liberdade. No entanto, malandros e gente infeliz descobriram nesses golpes um jeito de assaltar os outros, vingar-se de inimigos e enfrentar a polícia. Foi um tempo triste da capoeira. Eu conheci, eu vi. Nas bandas das docas... luta violenta, ninguém a pôde conter. Eu sei que tudo isso é mancha suja na história da Capoeira, mas um revólver tem culpa dos crimes que pratica? E a faca? E os canhões? E as bombas? A capoeira angola parece uma dança, mas não é não. Pode matar, já matou. Bonita! Na beleza está contida sua violência.” (MESTRE PASTINHA *apud* SETE, 2003, p.190)

Além de toda essa carga histórica, a capoeira é trabalhada nos tempos atuais de maneira muito lúdica, onde constantemente é relacionada a um jogo, ou mesmo uma dança, corroborando no diálogo e na aproximação entre os atores envolvidos através da linguagem corporal e musical que lhe são próprias.

“A natureza dúplice de luta disfarçada em brincadeira dá forma a um jogo de movimentos combinando objetividade e precisão no ataque com defesas velozes, originais, em que o corpo é utilizado no limite dos recursos de elasticidade e

flexibilidade muscular, compondo assim uma bela plástica humana em gestos despojados, naturais, numa estranha dança do perigo.” (ADORNO, 1999)

A capoeira é também, fundamental no processo de difusão da cultura afro-brasileira. Através de seus cânticos, vão resgatando e narrando as histórias dos negros que vieram de diferentes países africanos, retratando a cultura trazida pelos escravos através do modo de se vestir e de se comunicarem, principalmente pela linguagem oral e gestual que lhe são próprias.

Com isso, durante quatro anos, fiz parte como supervisora pedagógica de um projeto de capoeira chamado Gingando pela Paz, que nasceu de atividades realizadas em diversas comunidades do Rio de Janeiro que tinham como foco a mobilização popular para temas de interesse público como, por exemplo, na organização da caminhada para a aprovação do estatuto do desarmamento na orla de Copacabana no ano de 2003, que levou cerca de 5000 capoeiristas caminhando, gingando e jogando, em uma manifestação de integração cultural entre crianças, jovens e adultos. O projeto também em 2005, com o apoio do Acervo Cultural de Capoeira da Universidade Federal do Rio de Janeiro, promoveu a “I Caminhada Gingando Pela Paz, Sim pela Capoeira. Sim pela Vida” que reuniu cerca de 1000 capoeiristas, também embalados pelo som do berimbau com o objetivo de promover a cultura afro-brasileira.

Em 2008, o projeto foi implantado no Haiti, na capital de Porto Príncipe, no bairro de Bal Air, considerado zona vermelha pela Organização das Nações Unidas (ONU), por ser uma área de conflito armado com alto índice de violência, conforme podemos observar na reportagem encontrada no site do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), do dia 10 de março de 2004, citada abaixo:

“As iniciativas do PNUD incorporadas ao apelo emergencial são direcionadas ao fortalecimento da segurança pública — agravada pela instabilidade política e econômica do Haiti. No final de fevereiro, após uma investida intensa de rebeldes civis, o então primeiro-ministro Jean Bertrand Aristide foi afastado do cargo. Os rebeldes chegaram a assumir o governo, mas foram substituídos por Gerard Latortue.”

Na ocasião o principal objetivo era promover atividades que corroborassem com a inclusão social, e o diálogo como mediador de conflitos fortalecendo o processo de construção de uma cultura de paz, tendo como seus principais autores, crianças e jovens usuários de drogas, pequenos traficantes, homicidas e prostitutas. Mas como desenvolver essa paz, como estabelecer esse diálogo, com uma população marcada pelo abandono e o descaso dos países desenvolvidos? Como exercer essa prática com uma população que foi isolada do mundo por mais de cinquenta anos como castigo por ter se tornado a primeira população de negros de libertos na época da escravidão? Como agir sem interferir ou reprimir a cultura local, estimulada pela violência, e a opressão de seus costumes? O Haiti era e é ainda um país marcado pelo assistencialismo, com uma população direcionada por um governo político que se alimenta de uma cultura global, onde as políticas de inclusão acabam por alimentar práticas que viciavam a todos, colocando os “viciados” em situação contínua de exclusão.

Com base nessas indagações, que o projeto “Gingando pela Paz”, foi readaptado a realidade local respeitando as necessidades de todos os atores envolvidos no mesmo.

REGISTROS DAS ATIVIDADES

No ano de 2008, quando o Projeto Gingando Pela Paz levou a capoeira ao Haiti, alguns haitianos já anunciavam a sua chegada pelas ruas, entre os bairros mais pobres da capital. Isto porque, apresentando uma característica muito forte de uma cultura baseada na linguagem oral e corporal, no Haiti, são comuns os conhecimentos e as informações serem transmitidas de boca em boca ou através de carros que transitam pelas ruas espalhando todo tipo de mensagem. Além disso, o projeto foi implementado com o apoio de uma ONG que já desenvolvia atividades de reestruturação social e que, tinha a autorização e o apoio dos líderes comunitários para a realização de diversas

ações. A prática da capoeiragem já estava sendo aguardada por todos que comentavam que chegaria do Brasil uma luta que fazia movimentos corporais ao som de uma música imitando uma dança. Aliado a esses dois fatores, o povo haitiano supre uma simpatia muito expressiva pelos brasileiros, fruto do reconhecimento da aproximação da expressão cultural entre os países e pelo trabalho que os soldados do exército vêm desenvolvendo, exercitando a promoção de uma cultura de paz.

De fato esses apontamentos são fatores que fortalecem cada vez mais os laços de integração entre esses dois países.

Como política de combate à violência, foi selado um acordo entre a ONG que atua diretamente no bairro de Bal Air e os líderes comunitários do bairro, no qual a ausência de assassinatos no período de três meses, seria recompensada com shows e eventos dentro da comunidade com apresentações e concursos que promovessem a paz. É importante dizer que esses eram os únicos eventos realizados nessa região especificamente que vivia e vive até hoje com ausência de luz, rodeados pelo lixo e a pobreza.

Foi durante um evento desses, que foi realizada a primeira apresentação de capoeira para um público de 3000 haitianos embalados e gritando em coro: “Paranauê, Paranauê, Paraná.”

Nessa mesma noite, apesar de algumas crianças já demonstrarem alguma afinidade com a luta (através do contato que tinham com soldados brasileiros na base militar do exército) a maioria das pessoas locais nunca tinham visto a mesma.

Utilizando-se da riqueza de linguagem corporal que a capoeira transborda, em um minuto estavam todos na plateia tentando copiar os movimentos de pergunta e resposta estabelecidos pelo corpo durante a luta.

Ao término da apresentação, no dia seguinte, os trabalhos foram iniciados em uma espécie de armazém gigante que se encontrava em estado de abandono total, retratando as consequências do pós-guerra, fruto da guerra civil que determinou a presença da ONU no país.

A princípio, os primeiros alunos foram selecionados por já participarem de outro projeto da mesma ONG. Esses alunos traziam no seu histórico a participação no tráfico de drogas, assassinatos e prostituição.

A mesma sala em que faziam a capoeira, utilizavam para realizar suas necessidades fisiológicas.

Na segunda semana, o número de oito alunos passou para trinta e na semana seguinte se estendeu para cinquenta. Todos do sexo masculino. A única menina que participava das atividades era uma garota de programa que tinha uma perna manca e demonstrava muita dificuldade de participar das aulas, onde se sentia inferiorizada pela cultura local, por ser mulher, por ser manca e por ser prostitua.

Passada essas três primeiras semanas após uma avaliação de coordenação, percebeu-se a importância de refletirmos sobre algumas mudanças no grupo como a inclusão de mulheres nas aulas e o motivo pelo qual elas não estariam participando das mesmas. Historicamente o Haiti é um país marcado pelo preconceito onde as mulheres são definitivamente consideradas inferiores perante os homens.

Aos poucos, foram surgindo meninas e mulheres de diferentes faixas etárias. Geralmente, eram as alunas mais assíduas por encontrarem na capoeira, oportunidade de serem ouvidas e respeitadas. Além disso, gostavam da ideia de manterem o corpo saudável através dos exercícios físicos, aumentando a sua autoestima, atraindo cada vez mais meninas que passavam a atrair mais meninos. As aulas eram ministradas de maneira mais democrática possível.

As atividades democráticas também precisaram ser bem dialogadas e trabalhadas com os alunos. Acostumados com o autoritarismo que muitas vezes chegava a agressões físicas dos professores aos alunos nas escolas convencionais, a capoeira precisou se explorar ao máximo, através de seus cânticos e exercícios que buscavam o trabalho em parceria para que o sentimento de integração, cidadania e cooperação pudessem estar sempre envolvidos entre os praticantes de capoeira.

A linguagem oral era a menos utilizada no início, já que as aulas eram ministradas em português e os alunos falavam apenas um dialeto local. A linguagem corporal foi fundamental para a criação e manutenção de um vínculo que aos poucos foi se estreitando com o aprendizado da língua haitiana e brasileira.

A música foi fundamental para esse aprendizado linguístico porque ela dava a leveza aos movimentos que eram representados pelo corpo.

A capoeira então, além de agregar, difundir as culturas de fora e local, oportunizar o aprendizado da língua portuguesa trazia também um sentimento de pertencimento, onde os participantes se sentiam importantes pertencentes a uma família.

A capoeira passa a ser então uma identidade, que representava união, respeito, democracia, felicidade.

Os alunos que antes iam para as aulas com roupas de adulto, rasgadas e sujas, passaram a usar uniforme e se preocupavam rigorosamente com sua aparência e também em manter o seu ambiente de trabalho limpo. Eles passaram a ter acesso, ou muitas vezes permissão para frequentar lugares onde nunca tiveram antes, praticando a capoeira com músicas compostas por eles, realizando apresentações e demonstrando jogos que expressavam uma nova identidade, baseada numa cultura de paz. A presença dos pais dos alunos era de suma importância já que era necessário dar a continuidade do trabalho desenvolvido em casa nas famílias também

Após um ano de atividades, foi realizado o Primeiro Encontro Gingando pela Paz que teve o apoio da Embaixada do Brasil, do Canadá, da Noruega e da ONG Viva Rio que comemorou o desenvolvimento das atividades e as conquistas realizadas.

O evento teve a presença dos familiares dos alunos que foram maciçamente prestigiar os alunos partícipes do projeto. O governo haitiano também enviou representantes para participar da atividade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante deste histórico, e pelas observações feitas durante a implantação do projeto Gingando pela Paz, podemos constatar que a sua inserção em uma sociedade de diferentes características culturais seguiu um caminho de mudanças adaptativas à realidade encontrada, visto que, se tratam de diferenças, tanto culturais, como sociais. Durante as atividades exercidas em Porto Príncipe, a capoeira contribuiu significativamente como um instrumento de valorização das diferenças, de construção de um diálogo entre os alunos participantes e os educadores envolvidos, que ao mesmo tempo em que eram orientados pela música e a linguagem corporal que lhe são próprias, fomentou a inclusão social, a renovação do sentimento de pertencimento e a prática de uma cultura de paz.

Alunos envolvidos com o crime tornaram-se instrutores de capoeira. Além de trabalharem a saúde do corpo, mantiveram suas mentes ocupadas e passaram a contribuir significativamente para o bom andamento das atividades, inclusive dando sugestões para o desenvolvimento dos mesmos.

A capoeira, antes utilizada como instrumento de libertação dos negros no Brasil, um dos últimos países a se libertarem da escravidão, ironicamente contribuía para uma nova libertação dos negros pertencentes ao primeiro país a se tornar liberto. Isso porque apesar dessa conquista histórica do Haiti, seu povo permaneceu na escuridão por séculos, sendo rejeitado e isolado do mundo em protesto contra essa libertação. Mas desta vez, a libertação que a capoeira promovia não era mais a física, mas, sim, a mental que agora, fortalecia e contribuía com ideias de renovação e de paz.

Alunos escravizados pelo preconceito, o medo, a raiva e o abandono, conseguiram forças para arrancar essas algemas que durante séculos aprisionaram seus antepassados e que, até os dias de hoje, acorrentam a maior parte da sociedade, numa exclusão social que estimula a dependência econômica e política.

Com isso, a capoeira se transformou numa ferramenta eficaz de inclusão social e de construção de uma cultura de paz, estimulando o interesse pela renovação de saberes, tanto da sua

própria história como a história de outros países que, assim como o Brasil sofreram pela subjugação de culturas consideradas inferiores por outras que tentaram e tentam até hoje a sua homogeneização para se obter o controle social, político e econômico da maioria.

REFERÊNCIAS

ADORNO, C. **A arte da Capoeira**. Goiânia: Kelps, 1999.

CANEN, A., MOREIRA, A. F. B.. **Ênfases e Omissões no Currículo**. Campinas: Papirus, 2001.

PNUD, Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento. www.pnud.org.br, acesso em 10 de março de 2004.

SETE, M. B. **A capoeira angola na Bahia**. Rio de Janeiro: Pallas, 2003.

SOARES, C. A. E. L. **A Capoeira escrava e outras tradições rebeldes no Rio de Janeiro 1808-1850**. Campinas: Papirus, 2002.

¹ Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ.

Rua sebastião de Lacerda 20 ap 505 BL 1
Rio de Janeiro/RJ
22240110